Juntos no rasto do Amor

« O Sonho Missionário de Chegar a Todos »
Papa Francisco, Evangelii Gaudium

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Ana Leal
Leonor Balcão Reis
Sofia Almeida

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Juntos no rasto do Amor

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I | Domingos de Verão
14	5 Julho - Domingo XIV do T.C.
19	12 Julho - Domingo XV do T.C.
24	19 Julho - Domingo XVI do T.C.
28	26 Julho - Domingo XVII do T.C.
34	2 Agosto - Domingo XVIII do T.C.
38	9 Agosto - Domingo XIX do T.C.
42	15 Agosto - Assunção da Virgem Santa Maria
49	16 Agosto - Domingo XX do T.C.
53	23 Agosto - Domingo XXI do T.C.
57	30 Agosto - Domingo XXII do T.C.
	PARTE II | Textos da Igreja
62	Introdução
64	Solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo
66	Solenidade da Assunção de Nossa Senhora
67	Missa com os Idosos
68	Dia Mundial do Migrante e do Refugiado
70	Sínodo dos Bispos
73	A Alegria do Evangelho, nº 160-163
74	Audiência Particular do Papa João Paulo II a um Grupo de Jovens Portugueses
76	Ano Santo da Misericórdia
77	Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia
79	Última hora - *Laudate Si*, nova Encíclica do Papa Francisco
80	Leituras de Verão
85	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

Natureza Pura

Olá!

Chegou o Verão, o calor, as férias, viagens… rezar? Pois claro, ainda para mais temos tempo… bom… não sei… depende… às vezes em férias também estamos stressados e sem tempo.

A minha sugestão para este Verão é: começa a ler o primeiro capítulo de Génesis, "o Relato da Criação"… Não é bonito? Luz, astros, sol, lua, estrelas, rios, mares, cascatas e cataratas…

Natureza exuberante, em estado puro: a maravilha da criação. Não acaba aqui, de todo: eu e tu, nós, também estávamos presentes naquele primeiro casal chamado Adão e Eva. E, no final, Deus "orgulhoso da sua obra" não pôde deixar de admirar a sua obra e pensar que não poderia ter feito melhor, não encontra defeitos, nem erros, não há falhas: tudo corresponde ao projeto que Ele sonhou.

A partir deste momento, tudo fica nas nossas mãos; começa a nossa responsabilidade!

Aproveita este verão, recria-te nas paisagens que vais ver e… agradece. Delicia-te com o rosto ingénuo das crianças e dá graças. Senta-te à beira-mar, sente o fresco das ondas que chegam suavemente e dá graças ao Senhor, lê um bom livro à sombra de uma árvore, respira profundamente… e torna a agradecer.

De noite, estende-te na areia da praia, olha para o céu cheio de estrelas cintilantes (que são incontáveis como grãos de

areia, são como paraquedas de luz na escuridão) e não deixes de te sentir agradecido perante tanta preciosidade! Se viajas e não conduzes, não deixes de observar as maravilhosas árvores de fruto que, de um lado e do outro da estrada, estarão cheias de frutas e as flores que enchem os campos de côr. Obrigada Senhor, obrigada, obrigada!

Depois de agradecer, de reconhecer tanto bem e de experimentar tanta vida e beleza, sente a tua responsabilidade.

Que podemos fazer para continuar a recriar ao estilo de Deus? O que devemos fazer para o que projeto de Deus continue sem desmoronar-se?

A Terra grita-nos, sangra de norte a sul, de este a oeste, doem-lhe as entranhas e a sua vida vai-se apagando lentamente…

O Papa Francisco também está preocupado com o nosso mundo, pela falta de vida que há, pela nossa irresponsabilidade, e preparou um documento que apela à nossa colaboração na recriação da nossa Terra, para que não ponhamos em perigo o futuro da Humanidade.

Comecemos então a praticar a nossa responsabilidade durante este Verão. Olhemos para a Terra como Deus olha: respeitemo-la, cuidemos dela e rezemos mais uma vez o texto da criação, juntamente com as leituras de cada Domingo, como nos propõe a Igreja.

O mais belo hino de amor à Natureza

Em 1854, o Chefe Seattle (líder das tribos Duwamish e Suquamish, que viviam no território do que hoje é o Estado de Washington, nos Estados Unidos da América) respondeu de uma forma muito especial à proposta do governo americano, presidido por Franklin Pierce, 14.º presidente dos EUA, quando teve a intenção de comprar o território pertencente àquelas tribos.

E porque a carta é de uma actualidade perturbadora, eis o seu conteúdo:

"O grande chefe de Washington mandou dizer que desejava comprar a nossa terra, e assegurou-nos também da sua amizade e benevolência. Isto é gentil da sua parte, até porque sabemos que ele não precisa da nossa amizade.

Vamos, porém, pensar na sua oferta, pois se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará a nossa terra. O grande chefe de Washington pode confiar no que o Chefe Seattle diz com a mesma certeza com que os nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano.

A minha palavra é como as estrelas: não empalidecem.

Como podeis comprar ou vender o céu ou o calor da terra? Tal ideia é-nos estranha. Se não somos donos da pureza do ar ou da refulgência da água, como podeis então comprá-los? Cada quinhão desta terra é sagrado para o meu povo; cada folha radiosa de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e insecto a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. A seiva que circula nas árvores carrega consigo as recordações do pele-vermelha.

O homem branco esquece a sua terra natal, quando, depois de morrer, vagueia por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta terra formosa, pois ela é a mãe do pele-vermelha. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos. Os cumes rochosos, os eflúvios da planície, o calor que emana do corpo de um mustang, e o homem, todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o grande chefe de Washington manda dizer que deseja comprar a nossa terra, ele exige muito de nós. O grande chefe manda dizer que irá reservar para nós um lugar onde possamos viver confortavelmente. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, vamos considerar a vossa oferta de comprar a nossa terra. Mas não vai ser fácil, porque esta terra é para nós sagrada.

Esta água cristalina que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas também o sangue dos nossos ancestrais. Se vos vendermos a terra, tereis de vos lembrar que ela é sagrada e tereis de ensinar aos vossos filhos que é sagrada e que cada reflexo espectral na água límpida dos lagos conta os feitos e as recordações da vida do meu povo. O rumorejar da água é a voz do pai do meu pai. Os rios são nossos irmãos,

eles apagam a nossa sede. Os rios transportam as nossas canoas e alimentam os nossos filhos. Se vos vendermos a nossa terra, tereis de vos lembrar e ensinar aos vossos filhos que os rios são irmãos nossos e vossos, e tereis de conceder aos rios o afecto que daríeis a um irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um quinhão de terra é igual a outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é vossa irmã, mas sim vossa inimiga, e depois de a conquistar, partis, indiferentes, deixando para trás os túmulos dos vossos antepassados. Arrebatais a terra das mãos dos vossos filhos e não vos importais. Esquecidos ficam as sepulturas dos vossos antepassados e o direito dos vossos filhos à herança. Vós tratais a vossa mãe (a terra) e o vosso irmão (o céu) como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelhas ou missangas resplandecentes. A vossa voracidade arruinará a terra, deixando para trás apenas um deserto.

Não sei. Os nossos costumes diferem dos vossos. A visão das vossas cidades causa tormento aos olhos do pele-vermelha. Mas talvez tal aconteça por ser o pele-vermelha um selvagem, que nada compreende.

Não há sequer um lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há um lugar onde possa ouvir-se o desabrochar da folhagem na Primavera ou o vibrar das asas de um insecto. Mas talvez assim seja por eu ser um selvagem que nada compreende; o ruído parece apenas insultar os ouvidos. E que vida será a de um homem que não pode ouvir a voz solitária do curiango ou, à noite, a conversa dos sapos em volta de um pantanal? Sou um pele-vermelha e nada compreendo.

O índio prefere o suave murmúrio do vento a pairar sobre uma lagoa e o cheiro do próprio vento, purificado por uma chuva do meio-dia, ou rescendendo a pinheiro.

O ar é precioso para o pele-vermelha, porque todas as criaturas o partilham: os animais, as árvores, o homem.

O homem branco parece não compreender o ar que respira. Como um moribundo em prolongada agonia, ele é insensível ao ar fétido. Mas se vos vendermos a nossa terra, tereis de vos lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar compartilha o seu espírito com toda a vida que ele sustenta. O vento que deu ao nosso bisavô o seu primeiro sopro de vida, também recebe o seu último suspiro. E se vos vendermos a nossa terra, devereis mantê-la reservada, feita santuário, como um lugar em que o próprio homem branco possa ir saborear o vento, cingido pela fragrância das flores campestres.

Desse modo, vamos, pois, considerar a vossa oferta para comprar a nossa terra. Se decidirmos aceitar, colocarei uma condição: o homem branco deverá tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e desconheço que possa ser de outro jeito. Tenho visto milhares de búfalos apodrecendo na pradaria, abandonados pelo homem branco, que os abate a tiros disparados do comboio em movimento. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de

ferro possa ser mais importante do que o búfalo que nós, os índios, matamos apenas para nos alimentarmos.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Porque tudo quanto acontece aos animais, acontece ao homem. Tudo está relacionado entre si.

Deveis ensinar aos vossos filhos que o chão que pisamos são as cinzas dos nossos antepassados. Para que tenham respeito pelo país, contai aos vossos filhos que a riqueza da terra é a vida da nossa família. Ensinai aos vossos filhos o que temos ensinado aos nossos: que a terra é a nossa mãe. Tudo quanto fere a terra, fere os filhos da terra. Se os homens cospem no chão, cospem sobre eles próprios.

De uma coisa sabemos: a terra não pertence ao homem, é o homem que pertence à terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto agride a terra, agride os filhos da terra. Não foi o homem quem teceu a teia da vida: ele é meramente um fio dessa mesma teia. Tudo o que ele fizer à teia, a si próprio o fará.

Os nossos filhos viram os seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo ociosamente, envenenando o corpo com alimentos adocicados e bebidas embriagantes. Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias, eles não serão muitos. Mais algumas horas, menos uns Invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que têm vagueado em pequenos bandos pelos bosques, sobrará para chorar sobre os túmulos, um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de

confiança como o nosso.

Compreenderíamos, talvez, se conhecêssemos os sonhos do homem branco; se soubéssemos quais as esperanças que transmite aos seus filhos, nas longas noites de Inverno; quais as visões do futuro que oferece às suas mentes, para que possam formular desejos para o dia de amanhã. Somos, porém, selvagens. Os sonhos do homem branco são para nós um enigma, e por serem um enigma, temos de escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos, será para garantir as reservas que nos prometestes. Lá, talvez possamos viver os nossos últimos dias conforme os nossos desejos. Depois que o último pele-vermelha tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar sobre as pradarias, a alma do meu povo continuará vivendo nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe.

Se vos vendermos a nossa terra, amai-a como nós a amamos. Protegei-a como nós a protegemos. Nunca esqueçais de como era esta terra quando dela tomastes posse. E com toda a vossa força, o vosso poder e todo o vosso coração, conservai-a para os vossos filhos, e amai-a como Deus nos ama a todos.

De uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus, e esta terra é por Ele amada. Nem mesmo o homem branco pode evitar este nosso destino comum.

Nem o homem branco, cujo Deus com ele passeia e conversa como amigo para amigo, pode evitar este destino comum. Poderíamos ser irmãos, apesar de tudo. Vamos ver. De uma coisa sabemos, e talvez o homem branco venha, um dia, a descobrir também: o nosso Deus é o mesmo Deus.

Talvez julgueis, agora, que O podeis possuir do mesmo modo que desejais possuir a nossa terra. Mas não podeis. Ele é Deus da Humanidade inteira, e a Sua piedade é igual para com o pele-vermelha como para o homem branco. Esta terra é amada por Ele, e causar dano à terra é desprezar o Seu criador. Os brancos vão também acabar; talvez mais cedo do que todas as outras raças. Continuais a poluir a vossa cama e haveis de morrer uma noite, sufocados pelos vossos próprios desejos.

Porém, ao perecerem, vós outros caminhais para a vossa destruição rodeados de glória, inspirados pela força de Deus que vos trouxe a esta terra e que, por algum especial desígnio, vos deu o domínio sobre ela e sobre o pele-vermelha. Esse desígnio é para nós um mistério, pois não entendemos por que exterminam os búfalos, domam os cavalos selvagens, enchem os locais recônditos das florestas com a respiração de tantos homens, e mancham a paisagem exuberante das colinas com fios falantes. Onde está o matagal? Destruído. Onde está a água? A desaparecer. Restará dizer adeus às andorinhas e aos animais da floresta.

Este é o fim da vida e o começo da luta pela sobrevivência."

A maioria do território das tribos do Chefe Seattle foi adquirida através da assinatura do Tratado de Point Elliot. Estes povos ficaram confinados à Reserva Indígena de Port Madison.

parte I Domingos de Verão

É tempo de visitar a casa do Pai!

Ez 2,2-5
Sal 122 (123)
2 Cor 12,7-10
Mc 6,1-6

«O Espírito penetrou em mim, enquanto me falava, e mandou-me pôr de pé. (...) E quer te escutem quer não (...) saberão que há um profeta entre eles.» (Ez 2,2.5)

«Que alegria, quando me disseram: "Vamos para a casa do SENHOR!"» (Sal 122,1)

«Foi-me dado um espinho na carne. (...) Prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. Quando sou fraco, então é que sou forte.» (2 Cor 12,7.9-10)

«E partiu dali. Foi para a sua terra. (...) "Um profeta só é desprezado na sua pátria, entre os seus parentes e em sua casa."» (Mc 6,1.4)

É um tempo propício para retemperar forças, colocar as várias dimensões da nossa vida em perspetiva, redefinir prioridades.
Quais são as nossas fugas?
Quais são as coisas de Deus que já não dispenso na minha vida?
Quais são as fragilidades que reconheço em mim e até que ponto as conheço e sou capaz de amar?

Entramos no chamado "tempo de férias". Para muitos, uma realidade; para outros, talvez não. Mas acaba por ser sempre uma época festiva dos santos locais, os dias são maiores, o clima convida-nos a sair e a passar bons momentos de convívio em família e com os amigos.

É, de facto, um tempo propício para retemperar forças, colocar as várias dimensões da nossa vida em perspetiva, redefenir prioridades e, possivelmente, efectuar um balanço do que tem sido vivido durante o ano. Pode ser tempo para não fazer muita coisa, mas para dar tempo ao essencial e para estruturar a nossa vida. A afirmação do profeta Ezequiel transmite fortemente esta lógica "*o Espírito penetrou em mim, enquanto me falava, e mandou-me pôr de pé*". Quando eu me deixo tocar por Deus, pelo Seu espírito, Ele transforma-me. Esta transformação não significa que consiga fazer tudo e ao mesmo tempo... Trata-se de outro paradigma. Não é a quantidade eficiente sobrevalorizada no quotidiano. Deixar-me penetrar pelo Espírito apazigua-me, serena-me e estrutura-me "a ser", onde estou, mais do que "a fazer".

Este é o tempo privilegiado para visitar a casa do Pai! Experimentar o regresso a casa por quem sabemos que vem ao nosso encontro sempre, de braços abertos, estando sempre pronto para nos acolher e amar!

Neste momento, experimento um tempo de dúvidas e incertezas na minha vida, o que faz com que aquilo que mais procure seja "retomar" o leme, o controlo... Leva-me a constantemente procurar alternativas que escondam a insegurança que me habita. Tenho consciência de que a vida é mesmo assim, de que - como já todos devemos saber - nunca temos o controlo (mesmo quando isso parece mais

próximo da realidade, o facto é que não o é...). O Senhor convida-nos a colocar o nosso coração nas Suas coisas e não nas "coisas terrenas"... No entanto, do exercício racional ao vivencial vai uma larga distância...

Encontrar efetivamente em Deus o meu regaço, a minha estrutura (que me levanta depois de outros me fazerem cair), só é possível na medida em que existe este regresso a casa daquele que me dá a dignidade e me conhece.

São Paulo fala-nos da fragilidade da carne, de que, de certa forma forma, ainda bem que esta nos habita porque é nela que se revela a força de Jesus. Mesmo frágeis, tendemos por vezes a sentirmo-nos autosuficientes e omnipotentes... Esta fragilidade "puxa-nos" para a realidade da nossa condição humana, aterra-nos, e tem em si a essência de nos potenciar a humildade que é caminho para a aceitação de Deus na minha vida e de olhar para o outro.

A fragilidade, tudo aquilo que tenho tantas vezes dificuldade em aceitar em mim e que os outros consideram como "defeitos", aspetos a mudar, pode ser pois ponto de encontro com Deus e fonte de conversão (assim eu queira e seja capaz). Para Paulo funcionava como um "reminder doloroso" – como um "espinho cravado na carne".

De facto, a minha experiência é que consciencializar-me das minhas fragilidades é, numa primeira fase, doloroso, provoca-me desconforto... Usando a imagem comparativa do espelho, parece que, ao ver verdadeiramente o meu reflexo, despido, não me reconheço e sou outro daquele que anda de fato e gravata diariamente... Aquele corpo despido e exposto é, possivelmente, o mais próximo do verdadeiro eu, sem "carapaças" protectoras!

Quais são as fragilidades que reconheço em mim e até que ponto as conheço e sou capaz de as amar?

As fragilidades do indivíduo podem ser os medos de cada um, as suas inseguranças, os seus ditos "defeitos"... Falta de amor-próprio, falta de amor pelos outros, o egocentrismo, a preguiça, a impulsividade... Cada um as terá de reconhecer em si... E também de amá-las o melhor possível! É importante aprendermos a amar o que se pode não gostar tanto em si.

No ambiente aparentemente mais díficil é onde Deus se nos revela!

De alguma forma é um pouco o que se passa (de forma literal) com Jesus quando visita a sua terra natal... Todos o conheciam e, previsivelmente, gostavam dele mas essa aparente tendência benéfica revela-se um verdadeiro obstáculo para muitos, que poderiam ir mais fundo na sua lógica, nas suas organizações mentais...

Jesus desconcerta-nos, não pelo ato em si mesmo, mas pelo modo como esse ato ressoa em mim e isto implica a minha total abertura, a minha total humildade.

A vida de Jesus pode resumir-se de uma forma simples... Jesus passa e toca os que se apresentam frágeis e gera-se neles uma nova vida!

Eis o convite que lanço a todos: entremos na casa do Senhor nestes dias e deixemo-nos tocar por Ele!

Mãe, o meu dia chegou ao fim,
sinto uma paz dentro de mim
e estou feliz no meu cansaço.

Mãe, por tudo o que eu fui e dei
leva o meu obrigado ao Pai,
enquanto fico em teu regaço.

Aqui vou encontrar o que procuro,
mais energia para dar e para ser.
Mãe, confio em ti és meu seguro
e sinto bem que tu me estás a acolher.

Aqui, o abandono filial
vou aprender e em teu colo experimentar.
Mãe, confio em ti o meu ideal
e sinto bem que tu me estás a transformar.

Aqui, tu me preparas p'rá missão,
seara enorme, paciente, a esperar…
De novo, faço a minha consagração.
Sei que amanhã voltar-me-ás a enviar.

Autora: Irmã Maria Amélia Costa IFHIC
("Irmã Franciscana Hospitaleira da Imaculada Conceição")

O Sonho Missionário dos Enviados!...

Am 7,12-15
Sl 84 (85)
Ef 1,3-10
Mt 6,7-13

«(…) Era simples pastor e cultivava as figueiras. O Senhor é que me tirou da guarda do rebanho, foi Ele que me disse: Vai, que hás-de ser profeta do Meu povo de Israel». (Am 7)

«Mostrai-nos o Vosso amor, Dai-nos a Vossa salvação (…) Deus anuncia a paz (…) O Senhor dará o que é bom, E dará fruto a nossa terra.» (Sal 84)

«Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que, nos Céus, nos encheu de toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que, n' Ele, nos escolheu, antes da criação do Mundo, para sermos, na caridade, santos e irrepreensíveis na Sua presença. (…) De acordo com a riqueza da Sua graça, que Ele nos concedeu com abundância, nós estamos cheios de sabedoria e inteligência.» (Ef 1)

«(…) Jesus chamou a Si os doze Apóstolos e começou a mandá-los em missão dois a dois. Deu-lhes poder sobre os espíritos impuros e ordenou-lhes que não levassem nada para o caminho, a não ser somente um cajado: nem pão, nem saco, nem moedas na cinta; mas que fosse calçados com sandálias. E acrescentou: "Não leveis duas túnicas" (…) Os Apóstolos partiram e pregaram que era preciso cada um arrepender-se. Expulsavam muitos demónios, ungiam com óleo numerosos doentes e curavam-nos.» (Mt 6)

Somos desafiados em cada dia a sermos profetas.
Somos escolhidos por Deus para "levá-Lo" a todos os que partilham a nossa vida.
Somos enviados por Jesus a viver a missão…
Temos a noção do impacto que já temos (e podemos vir a ter) neste mundo?

o rezar estas leituras faz-se muito claro, para mim, que Deus me escolheu e escolheu cada um de nós que está a ler estas pistas.

Somos escolhidos, somos chamados por Deus…

É no meio da nossa vida quotidiana, nas rotinas simples e habituais, que Deus vem ter connosco.

"*Era simples pastor e cultivava as figueiras. O Senhor é que me tirou da guarda do rebanho, foi Ele que me disse: Vai, que hás de ser profeta do Meu povo de Israel*".

Para quê?... Para sermos profetas… Deus chama-nos e convida-nos a irmos mais além, a termos uma presença transcendente, muito maior do que aquela que podemos imaginar!

Este envio da parte de Deus pode concretizar-se de várias formas, dependendo do tipo de chamada que experimentamos: viver a nossa missão naquilo que nos é confiado (a nossa família, o trabalho, a comunidade, alguma interpelação particular) e vivendo amando até ao fim e estando atentos aos sinais de Deus…

Numa formação, no último encontro de casais em Vale de Lobos, foi dito que para chegar à "*dimensão macro*" (do sonho, da Missão), há que apostar a vida na "*dimensão micro*"… pois o amar não pode ser etéreo – pede gestos concretos. E isso Jesus ensina-nos com a sua própria vida: "*Ele que amara os seus que estavam no mundo, levou o Seu amor por eles até ao extremo*" (Jo 13, 1).

Por isso é importante que nos questionemos: isto que sonho/digo acreditar, vivo-o?

"*Viver o pequeno, seguros e certos da sua transcendência*".

Estou a ser enviada por Deus quando acompanho os meus filhos nos momentos de "birras", quando é preciso acompanhá-los no "estudo", quando vou às compras… E isso posso vivê-lo de forma diferente do habitual: sabendo que estou a viver a minha Missão, e sempre bem acompanhada. E isso dá um ânimo diferente à minha vida e outros frutos…

Esta chamada de Deus, nalguns momentos da nossa vida, também pode passar por uma conversão / mudança radical no caminho que estamos a viver… Alguns sonhos poderão ter de ser concretizados de forma diferente da que tínhamos sonhado inicialmente, em várias vertentes da nossa vida…

Recordo também umas pistas que me ajudaram: "Fortalecei os vossos corações… A graça permite-me viver bem com a cruz. Pode ser uma doença, uma limitação, algo alheio a nós próprios… que em vez de ameaça, se pode tornar motivo de amor e de graça".

"*De acordo com a riqueza da Sua graça, que Ele nos concedeu com abundância, nós estamos cheios de sabedoria e inteligência*". (Ef 1)

Quando Jesus chama os Apóstolos, dá-lhes alguns conselhos. Também hoje, connosco, Jesus nos orienta no nosso caminho:

- Envia-os dois a dois - convite à comunhão, a viver em comunidade, a apoiar-nos e ajudarmo-nos uns aos outros.

"*Onde dois ou mais estiverem reunidos em Meu nome, Eu estarei no meio deles*"

- Dá-lhes poder sobre os espíritos impuros - convite a acreditar na força e poder da oração e do amor concretizado; a estarmos atentos aos frutos do espírito e a partilhá-los.

- Diz-lhes para não levarem nada para o caminho - convite à humildade e ao desapego.

"*Só Deus basta…*".

Se respondermos com a nossa vida ao desafio de Jesus, se vivermos em missão, como "enviados" do Pai, concretizamos o sonho de chegar a muitos…

E nós, temos consciência de que, com o nosso testemunho e oração, somos capazes de expulsar muitos demónios? E de curar muitas pessoas?

Discípulo da Palavra

A ti, discípulo da Sua Palavra,
Escolhido por amor,
Para dar frutos da vida.
A ti, se dirigiu o Seu olhar,
E sonhou fazer de ti
Uma terra semeada.

Em ti, ele forjou toda uma história,
Com paciência e com amor,
Passo a passo, dia a dia.

EU DESTINEI-TE PARA QUE VÁS
E DÊS MUITO FRUTO,
UM FRUTO QUE PERMANEÇA
E SE ESTENDA POR TODA A TERRA.
SERÁS MOTIVO DE ALEGRIA,
TU, MEU AMIGO
SE PERMANECES UNIDO A MIM,
FAREI QUE DÊS MUITO FRUTO.

A ti, discípulo da Sua Palavra,
Na tua pobreza levarás
A riqueza que é a Sua Vida.

Irás apoiado em Sua promessa,
A Seu lado avançarás.
Ele te dará Sua firmeza.

Por ti, aos povos de toda a Terra
Minha Palavra chegará
E curará suas feridas.

(Cântico Verbum Dei)

As Ovelhas Sem Pastor!

Jer 23,1-6
Sl 22 (23)
Ef 2,13-18
Mc 6,30-34

«Diz o Senhor: "Ai dos pastores que perdem e dispersam as ovelhas do meu rebanho!" Por isso, assim fala o Senhor, Deus de Israel, aos pastores que apascentam o meu povo: "Dispersastes as minhas ovelhas e as escorraçastes, sem terdes cuidado delas. Vou ocupar-Me de vós e castigar-vos, pedir-vos contas das vossas más acções - oráculo do Senhor. Eu mesmo reunirei o resto das minhas ovelhas de todas as terras onde se dispersaram e as farei voltar às suas pastagens, para que cresçam e se multipliquem. Dar-lhes-ei pastores que as apascentem e não mais terão medo nem sobressalto; nem se perderá nenhuma delas – oráculo do Senhor."» (Jer 23,1-4)

«Foi em Cristo Jesus que vós, outrora longe de Deus, vos aproximastes d'Ele, graças ao sangue de Cristo. Cristo é, de facto, a nossa paz. Foi Ele que fez de judeus e gregos um só povo e derrubou o muro da inimizade que os separava, anulando, pela imolação do seu corpo, a Lei de Moisés com as suas prescrições e decretos.» (Ef 2,13-14)

«"Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco". De facto, havia sempre tanta gente a chegar e a partir que eles nem tinham tempo de comer. Partiram, então, de barco para um lugar isolado, sem mais ninguém. Vendo-os afastar-se, muitos perceberam para onde iam; e, de todas as cidades, acorreram a pé para aquele lugar e chegaram lá primeiro que eles. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-Se de toda aquela gente, que eram como ovelhas sem pastor.» (Mc 6,31-33)

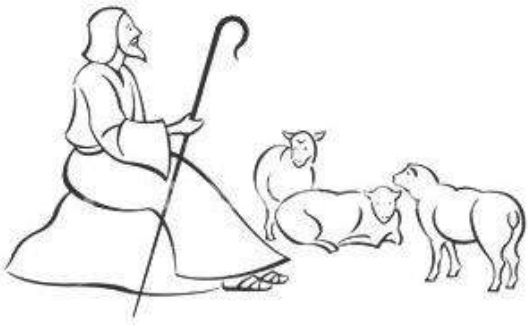
Jesus é o bom pastor que é anunciado em Jeremias. É Ele que tem a verdadeira capacidade de unir todos num único caminho. Olhamos à nossa volta e vemos tanta desunião, tanta falta de pessoas que marquem a diferença. Em Jesus todos somos chamados a ser "pastores", por outras palavras, bons líderes que saibam marcar a diferença em casa, no trabalho, na Igreja. Jesus é o verdadeiro modelo desta liderança por amor.

Recentemente, em contexto de trabalho, estive num país extremamente pobre, onde já tinha estado noutras ocasiões e onde sempre encarei a miséria extrema com alguma indiferença. Desta vez, fui com um chefe diferente que resolveu planear uma campanha de recolha de roupas e brinquedos ainda em Portugal. Passámos a ocupar parte do nosso tempo livre a visitar escolas e instituições. Tivemos a oportunidade de conhecer pessoas que realmente eram "boas pastoras", no sentido em que fala a leitura do Livro de Jeremias. Aprendi com o meu chefe que, em qualquer contexto, podemos ser o que "une povos" sejam eles "gregos ou judeus", como fala S. Paulo na segunda leitura. Acredito que basta seguir Jesus para sermos melhores pais, melhores colegas, melhores chefes. A primeira leitura mostra-nos o oposto desta dinâmica. O profeta Jeremias olha para o Povo de Deus e caracteriza-o como disperso, sem orientação, sem liderança. Afirma que os líderes de Israel são maus pastores, porque não souberam unir o seu povo. A primeira reflexão, sempre cómoda e fácil, é dizermos que Portugal não está diferente. Basta olhar para os nossos políticos, os nossos chefes, a nossa sociedade em geral (os outros), para descobrimos os pastores que "perdem e dispersam as ovelhas". Mas Jeremias, na mesma leitura, faz uma promessa

ao seu povo: a de ser o próprio Deus a juntar e a liderar o seu rebanho. A palavra "liderança" tornou-se cara, aparece em toda a espécie de cursos e formações. Mas a verdadeira liderança materializa-se nesta promessa da vinda de Jesus. Ele é o "bom pastor", aquilo a que chamaríamos hoje o líder de excelência. No Evangelho, quando Jesus entra no barco para procurar um lugar isolado, a multidão segue-o pela margem. Não é preciso apelar, distribuir panfletos, pôr anúncios na televisão... Nada disso. A multidão segue-O, mesmo no momento em que queria estar sozinho. Mas este é o pastor que também nos envia para também nós sermos pastores (Mc 6, 30), como enviou os apóstolos a pregar sozinhos pelas povoações vizinhas. Assim, os cristãos não são pessoas conformadas, que olham para esta leitura e dizem: "O profeta Jeremias parece falar do nosso país e dos nossos políticos". Pelo contrário, faz-me pensar em todas as vezes em que dispersei ovelhas, em que criei a desunião, em que fui um mau líder. Se não tenho poder para liderar o meu país, porque não ser um bom pastor junto da minha família? Ou através da animação de um grupo na Igreja? Ou talvez tentar ser apenas um bom cidadão... Jeremias anuncia um líder que governará com verdade, justiça e trará segurança ao seu povo. Não serão estes os valores mais do que nunca necessários? Jeremias não anuncia apenas a vinda de um bom pastor que protegerá o povo contra os invasores estrangeiros. Ele anuncia o Cristo e todos os que estão empenhados em ser bons pastores. Quanto ganharia a minha vida se conseguisse ser mais vezes o bom líder, o enviado de Jesus.

"Comece devagar, sonhe em grande mas comece hoje. Nada irá acontecer se uma acção não for tomada. A realidade triste é que a procrastinação é nada mais que um mecanismo de defesa escolhido por pessoas com medo. O que eu quero dizer com isto é o seguinte: se de facto cumpríssemos os nossos objectivos e seguíssemos as nossas visões seríamos muito bem-sucedidos. O sucesso traz grandes responsabilidades o que afugenta a maioria das pessoas. Portanto, adiamos a obtenção de grandes feitos e acusamos o mundo de qualquer mediocridade presente nas nossas vidas."

(Fonte: Sharma, Robin. Citado de Portal da Liderança, www.portaldalideranca.pt)



"O pouco, repartido, chega a todos"

2 Rs 4,42-44
Sl 144 (145)
Ef 4,1-6
Jo 6,1-15

«Erguendo o olhar e reparando que uma grande multidão viera ter com Ele, Jesus disse então a Filipe: "Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?" (…) "Duzentos denários de pão não chegam para cada um comer um bocadinho." (…) "Há aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?" Jesus disse: "Fazei sentar as pessoas." (…) Os homens sentaram-se, pois, em número de uns cinco mil. Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados, tal como os peixes, e eles comeram quanto quiseram. (…) e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada que sobejaram aos que tinham estado a comer.» (Jo 6,1-5)

Neste dia, centramo-nos numa atitude muito cristã… Podemos mesmo dizer que é a atitude que mais caracteriza os Cristãos, a única e fundamental: "Amar".
Se amas, observas; se amas, és sensível; se amas vês a necessidade; se amas procuras soluções. Se amas, respondes como sabes e entregas-te.
Olha à tua volta e não te inibas de nada: dá o que és, dá o que tens, seja muito ou pouco. Isso que tu tens é o que os outros precisam!

Lia o Evangelho que a Igreja nos propõe para este XVII Domingo do Tempo Comum para começar este tempo de oração, e, sem me dar conta, estava metida no meio da cena descrita:

Sinto-me bem, apetece-me estar aqui, não se está mal neste lugar, talvez seja um pouco barulhento… os mais velhos estão sentados em grupos, as crianças correm e, sem dizer nada, vou de grupo em grupo a ver do que falavam.

Havia uns curiosos, outros contavam os milagres de Jesus que tinham presenciado, como Ele era alguém que fazia milagres, que era bom, que perdoava… Alguns, acreditavam no que ouviam, outros duvidavam. Alguns estavam ali porque não tinham mais nada para fazer, mas havia quem escutasse com muito interesse e outros, ainda, escutavam por necessidade, esperando ouvir "algo de novo" para eles.

Naquela montanha, havia uma grande mistura de sentimentos e desejos, mas o que prevalecia era a esperança: a esperança de que as respostas às suas necessidades viria.

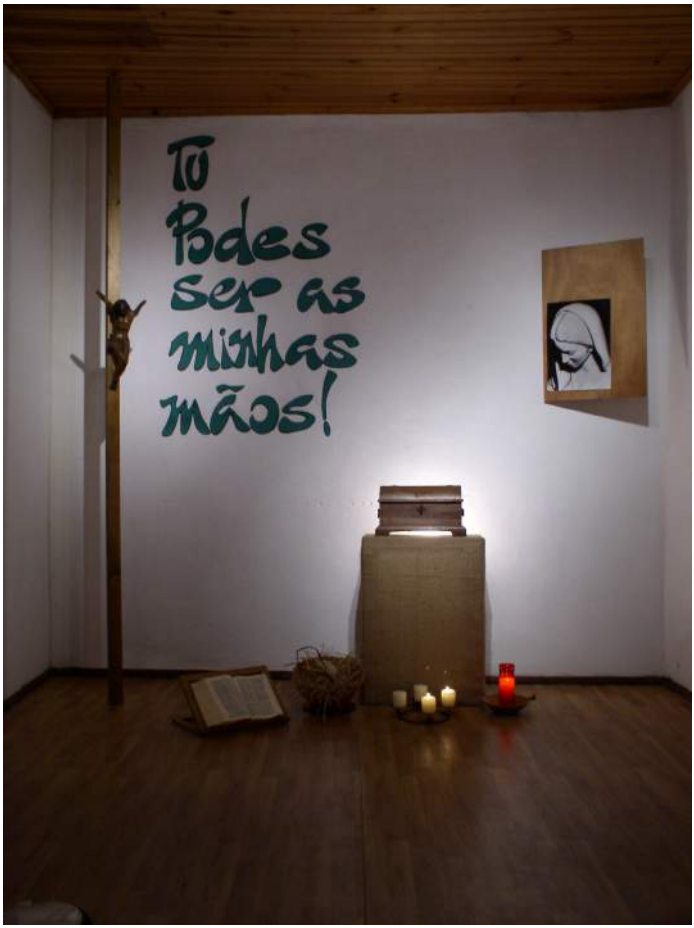
Mas também observei o grupo de Jesus: os Seus estavam surpreendidos, tinham-se retirado para viver um tempo entre amigos, entre companheiros, de descanso, de… E a multidão continuava a segui-los! Eles tinham a esperança de que as pessoas, pouco a pouco, se fossem retirando, fossem à sua vida e pudessem deixá-los sozinhos… Mas o seu desejo não se realizou e foram confrontados com uma situação que nem queriam imaginar. Na realidade, é mesmo Jesus quem os obriga a formular a pergunta que todos pensavam interiormente: "como vamos dar de comer a toda esta gente?"

Eu, que também estou ali, sinto-me interpelada por esta pergunta: E tu? Se hoje olharmos à nossa volta, há uma Humanidade necessitada! Neste momento há 6000 à deriva num barco no meio do mar esperando pisar terra firme; há milhões de nepaleses a quem falta tudo, incluindo os seus entes queridos, já para não falar das mães desesperadas que vêem os seus filhos doentes, com fome, na guerra, perdidos na droga; há jovens desesperados porque não encontram emprego; há ruas cheias de violência, lugares desestruturados, corrupção a todos os níveis, prostituição e tráfico de pessoas, de armas, de órgãos…; há muita fome de pão, mas ainda há mais e maior fome de vida!

Como vamos nós – eu e tu – dar uma resposta a esta gente? Tal como o rapaz do Evangelho, eu também só tenho um bocadinho de criatividade, talvez um amigo a quem pedir uma ajuda, um pouco de tempo dentro dos meus muitos afazeres, alguma vontade de fazer alguma coisa… não é muito, e além disso, é em pouca quantidade…

Continuo a observar Jesus e os seus discípulos: também eles têm pouco. Mas eles têm Jesus, penso. E eu também O tenho…! E vejo que, afinal, a resposta não passa por ter muitas coisas, nem muitas possibilidades, nem sequer muitos talentos. Trata-se de ter Jesus na nossa vida: com Ele, as coisas mudam. Ele convida-nos a aceitar o que somos e o que temos, agradecendo-o a Deus e começando a repartir. Repartindo esse tempo que tenho para escutar, para cumprimentar, para aconselhar, para fortalecer, para rezar, para partilhar a minha criatividade, para alegrar quem precisa e esperançar a minha vontade de fazer, que me leva a projetar…

Tenho o desejo de amar mais e melhor, e amar todos. Sei que, sozinha, não chego. Por isso, acredito que a chamada deste Evangelho de hoje é pormo-nos nas mãos de Jesus, para que Ele parta e reparta os nossos pequenos poucos, e que consigamos saciar a fome de muitos. O convite que o Senhor nos faz a todos é aprendermos a ser tão pequenos e pobres como um pão ou uns peixes nas mãos de Jesus.



Amassar Projetos

Este poema de Pablo Neruda tem-me ajudado a perceber que ao longo da vida temos de viver desinstalados, olhar sempre mais além e deixar que Deus amasse, como se amassa o pão, projetos com a nossa vida.

Tudo
Nasceu para ser compartilhado,
Para ser entregue,
Para se multiplicar,
Por isso, pão,
Se foges
Da casa do homem,
Se te escondem,
Se te negam,
Se o avarento
Te prostitui,
Se o rico
Te armazena,
Se o trigo
Não procura suco e terra,
Pão,
Não rezaremos,
Pão,
Não mendigaremos,
Lutaremos por ti com outros homens,
Com todos os famintos,
Por todos os rios, pelo ar
Iremos procurar-te,

A terra toda repartiremos
Para que tu germines,
E connosco
Avançará a terra:
A água, o fogo, o homem
Lutarão junto a nós.

Iremos coroados
De espigas, conquistando
Terra e pão para todos,
E então,
Também a vida
Terá forma de pão,
Será simples e profunda,
Inumerável e pura.

Todos os seres Terão direito
À terra e à vida,
E assim será o pão de amanhã,
O pão de cada boca,
Sagrado,
Consagrado,
Porque será o produto
Da mais longa e dura
Luta humana.

(Pablo Neruda)

Multiplicar os Talentos

Ex 16,2-4.12-15	«Meditarei em todas as tuas obras e considerarei todos os teus feitos.
Sl 77(78)	Teus caminhos, ó Deus, são santos. Que deus é tão grande como o nosso Deus?» Sl 77 (78),12 -13
2 Ef 4,17.20-24	
Jo 6,24-35	

Aquela multidão procurou Jesus porque ele os tinha alimentado e era isso, apenas isso, que os movia.
E a nós? O que nos move quando procuramos Jesus?
Já me perguntei o que poderá Jesus fazer com os meus talentos pessoais se a isso me predispuser?
Como posso pedir a Jesus que me ajude a multiplicar os meus talentos e depois a pô-los ao serviço dos outros? E nestes outros estão desde aqueles com quem me cruzo por circunstâncias pontuais até àqueles que são da minha própria família.
Por quem me deixo guiar? O que encontrar no caminho que hoje sigo?

Meu Deus e Meu Senhor,

Suplico-Vos, não seja eu o saco roto onde caem os Vossos Ensinamentos, mas o vaso onde eles sejam recolhidos e frutifiquem.

- Que nunca me deixe aprisionar na armadilha de me satisfazer com uma saciedade que a Vós não conduza.

- Que, em paralelo com a Eucaristia, consiga transformar-me e juntar à Fé os atos que me unem a Vós, com todos os que anseiam pelo mesmo Pão do Céu.

- Dai-me a força de não ficar pelas boas intenções, mesmo sabendo da sua importância.

- Fortificai a capacidade de banir de mim o egoísmo e servir, não apenas segundo critério de utilidade, senão de verdadeiro amor ao Próximo.

- Permiti que a natural ânsia de fazer bem, com os olhos em mim, se subordine sempre à de fazer o Bem, com eles postos em Vós.

- Ajudai-me a ver o Outro como manifestação Vossa.

- Fazei-me instrumento natural da Vossa palavra, sem me orientar para a busca vã de agradecimentos ou auto congratulações.

- Auxiliai-me no propósito de vencer os comodismos tentadores e paralisantes.

- Livrai-me dos pretextos para não agir.

- Não me deixeis embalar por reconhecimentos eventuais.

- Livrai-me da amargura face a provisórios insucessos e duradouras ingratidões.

- Impedi que caia no regozijo insinuante de já ter feito o suficiente.

- Levai-me a superar o cumprimento deste dever com um sentimento de sacrifício, substituindo-o pelo de alegria.

- Conservai-me sempre no pensamento a necessidade de divulgar as Vossas lições, sem tentações de partidarismos, mas para a verdadeira edificação de todos com quem contacto.

- Encorajai-me a, genuinamente, não me contentar com menos do que ver todos na rota da Salvação.

- Dai-me a inspiração propiciadora de vencer o tempo e as suas solicitações, distrações e tiranias, entrando tranquilamente na Vossa Eternidade.

"…A palavra de Cristo que pôde criar do nada o que não existia, não pode transformar em algo diferente aquilo que existe?

De facto, não é algo menor dar às coisas uma natureza totalmente nova do que mudar aquela que já tem [...]. Este corpo que produzimos (conficimus) sobre o altar é o corpo nascido da Virgem. [...] Com certeza é a verdadeira carne de Cristo que foi crucificada, que foi sepultada; é, portanto, realmente o sacramento da sua carne [...]. O próprio Senhor Jesus proclama: 'Este é o meu corpo'. Antes da bênção das palavras celestes usa-se o nome de outro objeto, depois da consagração significa corpo. …"

(Santo Ambrósio, «Tratado sobre os Mistérios»)

Alimento que nos fortalece

1Rs 19,4-8
Sl 33 (34)
Ef 4,30 – 5,2
Jo 6,41-51

«Andou pelo deserto um dia de caminho; sentou-se à sombra de um junípero e pediu a morte para si: "Basta, Senhor, disse ele; tira-me a vida, pois não sou melhor do que meus pais." Deitou-se por terra e adormeceu à sombra do junípero. Eis, porém, que um anjo o tocou, dizendo: "Levanta-te e come." Olhou e viu à sua cabeceira um pão cozido sob a cinza e um copo de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir. Mais uma vez o tocou o anjo do Senhor, dizendo-lhe: "Levanta-te e come, pois tens ainda um longo caminho a percorrer." Elias levantou-se, comeu e bebeu; reconfortado com aquela comida, andou quarenta dias e quarenta noites, até chegar ao Horeb, o monte de Deus.» (1Rs 19,4-8)

«Eu Sou o Pão da Vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. Este é o pão que desce do Céu; se alguém comer dele, não morrerá. Eu Sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer Deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo.» (Jo 6,48-51)

"Basta, Senhor". Este é um grito de desespero que nos persegue. Perante as adversidades da vida, o sofrimento que não conseguimos evitar nem controlar, por vezes, ou talvez até a maioria das vezes, esta é a única resposta que conseguimos dar. Não vemos mais além das circunstâncias, ficamos bloqueados pelo medo, e não percebemos que a vida brota em tudo aquilo que nos é dado a viver. É a capacidade de amar que nos define, e o amor, esse, não tem limites...

Foi uma semana dura. Celebrei com gratidão o meu aniversário mas tive noticias muito tristes de alguns dramas pessoais. Perante a vida destas pessoas em toda a sua fragilidade, não consegui dar a única coisa que verdadeiramente desejavam – a solução mais imediata para o que viviam. Dei o que pude de outra forma, com oração, com telefonemas, visitas, disponibilidade monetária e de tempo. Sinto que amei estas pessoas como pude, guiada pela Fé e pelo Amor de Deus.

Um dos dramas que acompanhei nestes dias é o de uma amiga que me é muito querida. Estranhei não me ter ligado no aniversário. Mais uma distração em cima de muitas que lhe conhecia, pensei. Dois dias depois soube que estava internada sem perspetivas de voltar para casa. Não hesitei e, apesar da distância que nos separa, apanhei um avião e dois dias depois estava a agarrar-lhe a mão. Não trocámos muitas palavras, ela porque fisicamente não tinha forças, eu porque me falhava a voz. O seu sorriso terno bastava para preencher o silêncio e aquele quarto.

Providencialmente tive que rezar estas leituras para o caderno. Tinha começado a rezar antes de ir e hoje, passado uma semana, continuo nas mesmas passagens. Desde que a visitei que fiquei eu agarrada àquela cama de hospital. Olho em frente e vejo a morte reflectida em tudo, digo num grito abafado que implode em mim, como Elias em 1Reis, "*Já basta Senhor!*". Sinto que estou à espera de qualquer desfecho, quase que derrotada debaixo da árvore entre a desesperança e a VIDA, na absoluta certeza, porém, que há um Deus que nos resgata e vem uma e outra vez ("*mais uma vez o tocou o anjo do Senhor*") e as vezes que forem necessárias para nos fortalecer.

Como diz o Papa Francisco, numa linda resposta que deu a um jovem que o questionou, precisamos de tempo para compreender as dificuldades, inteligência para encontrar o caminho e coragem para o seguir. Eu estou na parte do "precisar de tempo". Tenho rezado muito a Maria para que a minha amiga, e outras pessoas que sofrem muito, já estejam na última etapa de ter "coragem para seguir".

Senhor, Tu que conheces o mais íntimo de cada um, ajuda-nos a não procurar entender o mistério da vida, apenas a saboreá-la no que nos é oferecido, seja o que for. Só o Amor enche e preenche, só o Amor cura e nos pode dar um sentido transformante da realidade e do sofrimento, sem resistências. Só na medida em que nos sentirmos (ou melhor, deixarmos sentir) infinitamente amados por Ti, entregues sem medo no Teu abraço, poderemos ser verdadeiramente felizes.

O que fazer quando se enfrenta uma dificuldade? (pergunta de um jovem ao Papa Francisco)

"Primeiro: não se desesperar; nunca! Ficar tranquilo.

Depois, buscar uma maneira de superá-la. E se não for possível superar, suportá-la.

Até que surja a possibilidade de superá-la.

Nunca se deve assustar com as dificuldades.

Nunca se deve entrar em pânico.

Nós somos capazes de superá-las, todas.

Precisamos apenas de tempo para compreender, inteligência para buscar o caminho e coragem para seguir adiante. Mas nunca entrar em pânico."

'O Senhor fez em mim maravilhas...'

Ap 11,19a; 12,1-6.10

Sl 44 (45)

1 Cor 15,20-26

Lc 1,39-56

«Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a voz de Maria, o menino exultou no seu seio. Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? Logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz aquela que acreditou que se cumpriria tudo o que lhe foi dito da parte do Senhor". Maria disse então: "A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva, de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas, Santo é o seu nome. A Sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem. Manifestou o poder do Seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias. Acolheu a Israel, Seu servo, lembrado da Sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre". Maria ficou junto de Isabel cerca de três meses e depois regressou a sua casa.» (Lc 1,39-56)

Maria conhecia, pela fé e pela oração, um Deus surpreendente, atento e terno. Alguém que Ela percebe presente; por isso O louva: "O Senhor fez em mim maravilhas".
Ela descobrira – na Sua vida e na História de Israel – um Deus paradoxal, um Deus que faz o inverso daquilo que seria expectável: "Derrubou os poderosos e exaltou os humildes".
Reconhecemos Deus, que vem ter connosco de tão variadas formas?
Se tentarmos ir descortinando, como Maria, o modo como Deus tem conduzido as nossas vidas, teremos, então, muitas razões para exclamar, como Ela, "O Senhor fez em mim maravilhas"!
A oração está dentro do serviço – se nós aprendêssemos com Maria a viver assim!

A solenidade da Assunção de Maria celebra-se com um Evangelho que sugere simplicidade e humildade, serviço e proximidade.

Parece um contra senso que uma festa que assinala a subida ao Céu da Senhora coroada de glória nos apresente à reflexão um quadro tão "terreno": uma cena familiar passada numa aldeia, no meio de uma montanha, quando uma mulher jovem e grávida vai ter com outra, idosa, mas também grávida.

Maria vai ao encontro de Isabel, para estar com ela no acolhimento à novidade de Deus e ao Seu dom imenso. Maria transporta consigo uma vida que lhe tinha chegado de forma inesperada e misteriosa. E dispõe-se a acompanhar Isabel que, igualmente de uma forma incompreensível e surpreendente, esperava o filho, há tanto desejado, que lhe chegava agora, "na sua velhice". Porque "*A Deus nada é impossível.*" – dissera o Anjo.

Maria conhecia, pela fé e pela oração, um Deus surpreendente, atento e terno: um Deus que escolhera um povo e fizera uma aliança com ele; que conduzia esse povo, que chamava Seu e a quem amava com um amor desmedido; este povo afastava-se, mas Ele, vezes sem conta, perdoara e voltara a chamá-lo à comunhão; um Deus fiel, que tudo fazia "*Lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais*".

E é desse Deus que Maria fala, porque Se reconhece escolhida e porque percebe à Sua volta, nos outros, nos acontecimentos, o modo extraordinário e amoroso como Ele vai agindo. Deus, com Quem Ela foi aprendendo a conviver – e mais irá aprender, ao longo da vida com Jesus! – é Alguém que Ela percebe presente; por isso O louva: "*O Senhor fez em mim maravilhas: Santo é o Seu nome! O Seu amor se estende, de geração em geração (...)*".

O reconhecimento fá-la proclamar as maravilhas de Deus no Magnificat.

Afinal, Maria descobrira – na Sua vida e na História de Israel – um Deus paradoxal, um Deus que faz o inverso daquilo que seria expectável: "*Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias.*".

Maria viria a ouvir o Filho (teria sido Ela quem Lho ensinou?...) falar da felicidade que há na humildade e no serviço: "*Felizes os humildes, (...)*"; "*Todo o que se humilha será exaltado.*". E Ela bendiz a Deus que "*pôs os olhos na humildade da sua Serva*".

Toda a vida de Maria é, afinal, assim: escondida, discreta, silenciosa... Face ao agir de Deus, a Sua atitude era de espanto, por vezes, até, de incompreensão; mas, depois, "*guardava todas estas coisas no coração*" e transformava o mistério em atenção e amor. Foi assim na Anunciação, neste momento da Visitação em Ain Karim – "*pôs-Se a caminho e dirigiu-se apressadamente*" – no Presépio, na perda de Jesus e no encontro no Templo, nos anos de vida oculta em Nazaré, em Caná, no Calvário, após a Ressurreição, com os amigos do Filho...

O Magnificat (Lc 1,46-55) está dentro da Visitação (Lc 1,39-56): Isabel e Maria dialogam, Maria reza, a cena prossegue e a vida continua: "*Maria ficou junto de Isabel cerca de três meses e depois regressou a casa.*". A oração está dentro do serviço – se nós aprendêssemos com Maria a viver assim! Na intimidade com Deus nasce o desejo de amar em gestos concretos.

Ambas estas mulheres reconhecem na outra a presença de Deus. "*De onde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?*" – pergunta Isabel, "*cheia do Espírito Santo*". E nós: reconhecemos Deus que vem ter connosco de tão variadas formas? E acolhemos o Espírito que está, subtil e suave, nestes encontros? Em Maria brota espontaneamente o louvor a Deus: "*A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.*". E nós: bendizemos Deus por tudo quanto Ele faz? Somos sensíveis às Suas maravilhas?...

Esta passagem é significativamente importante para nós, cristãos de hoje, que tendemos facilmente para o ativismo e descuramos a contemplação, que vivemos no meio do barulho e fugimos do silêncio, que somos pouco atentos à presença do Espírito.

Mas Deus compensa abundantemente aqueles que confiam Nele e desfrutam da felicidade que advém dessa confiança: "*Feliz Daquela que acreditou que havia de cumprir-se tudo o que Lhe foi dito da parte do Senhor*"; "*De hoje em diante me chamarão bem aventurada todas as gerações*".

Maravilhas fez em mim
Minh'alma canta de gozo
Pois em minha pequenez
Se detiveram Seus olhos
E o Santo e Poderoso
Espera hoje o meu sim
Minha alma canta de gozo
Maravilhas fez em mim

Maravilhas fez em mim
Da alma brota o meu canto
O Senhor me amou
Mais que aos lírios do campo
E por seu Espírito Santo
Ele habita hoje em mim
Que não pare nunca este canto
Maravilhas fez em mim

(https://www.youtube.com/watch?v=lJzY5p8_tWI)

A humildade de Maria

A humildade de Maria seduz e cativa o olhar de Deus, atrai a si o olhar da Trindade que fixa n´Ela o Seu olhar. Inaugura a primeira comunidade de amor no mundo. Conquista para nós o direito e o gozo da Vida fraterna.

A humildade de Maria inaugura na terra o templo mais rico e mais estimado por Deus e possibilita fazer das nossas vidas o templo querido da Trindade e render-lhe em nosso corpo o culto que mais lhe agrada para viver em comunhão. (...)

A humildade de Maria, liberta-nos da escravidão do pecado, da mentira, de complexos e pessimismos, para nos situar na Verdade que despreza toda a espécie de riquezas e valores diante dos homens e nos enche das maravilhas de Deus. Converte as nossas vidas num cântico de gratidão, num Magnificat de alegria contagiosa-missionária.

A humildade de Maria, anúncio e morada do amor Trinitário de Deus, gera em nós este mesmo Amor Trinitário de Deus, essência e fermento para múltiplas Fraternidades de Amor de Cristo no mundo. (...)

A humildade de Maria foi, é, e será sempre a embaixada do Espírito Santo para encher dos seus dons e frutos os filhos de Deus e formar neles, como em Maria e com Ela, o homem novo, Cristo e entre todos continuar o verdadeiro Povo de Deus.

(http://lisboa.verbumdei.org/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=77&Itemid=138)

Embriagados de Amor?

Pr 9,1-6
Sl 33 (34)
Ef 5,15-20
Jo 6,51-58

«Irmãos: Vede bem como procedeis. Não vivais como insensatos, mas como pessoas inteligentes. Aproveitai bem o tempo, porque os dias que correm são maus. Por isso não sejais irrefletidos, mas procurai compreender qual é a vontade do Senhor. Não vos embriagueis com o vinho, que é causa de luxúria, mas enchei-vos do Espírito Santo» (Ef 5,15-20)

«Naquele tempo, disse Jesus à multidão: "Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que Eu hei-de dar é minha carne, que Eu darei pela vida do mundo". Os judeus discutiam entre si: "Como pode Ele dar-nos a sua carne a comer?". E Jesus disse-lhes: "Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia. A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele. Assim como o Pai, que vive, Me enviou e Eu vivo pelo Pai, também aquele que Me come viverá por Mim. Este é o pão que desceu do Céu; não é como o dos vossos pais, que o comeram e morreram: quem comer deste pão viverá eternamente".» (Jo 6,51-58)

Hoje em dia, a nossa vida é cheia de correria, de desafios, de compromissos, de coisas que tantas vezes nos deixam eufóricos, mas que no fim nos deixam vazios… Está nas nossas mãos o que fazemos da nossa vida. Como vivo a minha vida? Deixo-me interpelar pelo Amor, pelo convite de Deus ao Amor, ou deixo os dias correrem?
A oração pode deixar-nos embriagados de Amor. Sabemos escutar a palavra do Senhor? Deixo-me "embriagar" pelo que Ele me diz?
Estou à espera que Deus me salve ou eu é que ponho os meios para me salvar, para viver feliz, para viver em plenitude?
Temos noção que em cada comunhão estamos a renovar o compromisso com Deus de espalhar a sua Boa Nova de "Viver por Ele"? Como posso viver esse compromisso nestes dias de férias? Como posso tornar esse compromisso de forma mais permanente quando "voltar a casa" e às rotinas do dia-a-dia?

Há tantas formas de nos embriagarmos: com vinho, comida, poder, drogas naturais ou sintéticas, lícitas ou ilícitas. Também nos podemos embriagar de outras coisas: um desporto radical, de oxigénio na floresta amazónica, de Amor… Está nas nossas mãos o que fazemos da nossa vida. Está nas nossas mãos aproveitar o tempo ou deixa-lo a correr sozinho. Todos os dias tomamos opções. Opções que têm consequências nas nossas vidas e nas vidas dos que nos rodeiam. Se andamos embriagados de vinho ou de drogas, matamos a nossa vida e de muitos que nos rodeiam. Se andarmos embriagados de Amor podemos dar mais vida a quem nos rodeia.

No ambiente de trabalho vemos muitas vezes situações em que o poder é uma embriaguez. Que responsabilidade temos quando nos é dado um cargo de chefia? Aproveitamos essa

possibilidade para fazer algo melhor ou deixamo-nos embriagar pela possibilidade de mandar e ter um outro status na sociedade?

A oração pode deixar-nos embriagados de Amor. Sabemos escutar a palavra do Senhor? Por vezes chego a casa da Missa e começo logo a refilar com alguma coisa e o meu marido pergunta-me o que fui fazer à Missa para estar tão refilona. Provavelmente não ouvi com atenção a palavra do Senhor.

Quando, na Missa, comungamos o Corpo do Senhor pensamos se somos dignos de o fazer? Estou à espera que Deus me salve ou eu é que ponho os meios para me salvar, para viver feliz, para viver em plenitude?

Que privilégio o nosso de conhecermos o Pai e de O podermos tomar na comunhão! Temos noção do que Jesus diz: “também aquele que Me come viverá por Mim”? Em cada comunhão estou a renovar o compromisso com Deus de espalhar a Sua Boa Nova de “Viver por Ele”! Deus dá-nos responsabilidades tremendas.

Obrigada, Pai, por todas as oportunidade que nos dás, pela Liberdade de podermos escolher.

Graças pelos bens que nos entregas
Por teu corpo sinal de bondade
Força dos homens que esperam,
Que um dia voltes que chegues sem tardar.

Graças por teu sangue derramado,
Pois nele está Tua liberdade.
Uma liberdade diferente
Que faça do Amor o principio e o fim.

Sempre que comemos desta mesa
nossa vida temos que mudar
Temos de seguir o seu caminho
Mesmo quando haja dias de escuridão

Havemos de encontra-Lo entre os pobres
naqueles que se entregam por Amor
naqueles que repartem justiça,
pois neles se pode ouvir a Tua voz.

(Cântico Verbum Dei)

Palavras de Vida

Js 24, 1-2.15-18

Sl 33 (34)

Ef 5,21-32

Jo 6,60-69

«Sejam submissos uns para os outros, pelo respeito que têm por Cristo» (Ef 5,21)

«É o Espírito quem dá a vida; a carne não serve de nada: as palavras que vos disse são espírito e são vida» (Jo 6,63)

«Então, Jesus disse aos Doze: "Também vós quereis ir embora?" Respondeu-lhe Simão Pedro: "A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso nós cremos e sabemos que Tu é que és o Santo de Deus."» (Jo 6,67-69)

Reconheço no meu dia-a-dia que as palavras do Meu Senhor são diferentes das palavras do mundo e da sociedade?
Porque continuo a seguir Jesus?
Procuro realmente a verdade ou vou-a deixando de lado quando me dá jeito?
Embrenho-me ou deixo-me ser entranhado pelo Espírito e pelo Amor de Deus?

Hoje sinto que, com esta leitura, o Senhor me coloca dois desafios…

O primeiro é deixar que o Seu Espírito e o Seu Amor de Pai se entranhem na minha vida e não que eu me entranhe no seu amor. Parece ser a mesma coisa, mas são duas atitudes completamente distintas, que também têm resultados distintos.

Por exemplo: quando estamos a preparar um prato de carne colocamos vinho na carne para que o vinho se entranhe no sabor da carne; quando degustarmos a carne ela terá um sabor diferente, mais suculento, mais gostoso, que é a mistura de dois sabores. Nunca colocamos a carne no vinho para esta dar sabor ao vinho e bebermos o vinho com o sabor da carne… E não será isto que fazemos muitas vezes na nossa vida com o amor do Senhor? Quantas vezes, na nossa oração, tentamos que o nosso eu entranhe o amor e o espírito do Pai?

No meu dia-a-dia vejo-me embrenhada no trabalho, na família e na casa e tudo é um esforço, tudo custa porque os outros não fazem as coisas à minha maneira, os outros não respondem às dificuldades como eu desejava… Quando dou por mim estou na oração só a lamentar-me…. “Senhor, os outros não vêem”, “Senhor, os outros não fazem”… E aí apercebo-me de que estou isolada: eu estou a viver o meu dia-a-dia sozinha, sem que tenha consciência da presença de Deus e do Amor de Deus na minha vida.

Quando eu vivo entranhada pelo Espírito do Pai, a minha vida torna-se diferente: ganho a capacidade de ver o que se passa à minha volta de outra perspetiva. Embora tudo continue a acontecer da mesma forma, com o Espírito na minha vida

consigo identificar os esforços que o meu marido faz para me ajudar, os esforços que o meu colega mal-humorado faz para ser simpático e dizer os bons dias… ou seja, acabamos por ver o mundo com outros olhos.

Estes outros olhos também me permitem, na confusão do apelos que me são colocados, identificar a diferença entre o que é a voz de Deus e a voz do Mundo, a gerir as prioridades da minha vida.

O segundo desafio que Jesus me coloca é a pergunta que faz: “E tu, também te queres ir embora?”

Parece uma pergunta dura, mas acho que faz muito sentido. Quantas vezes tenho uma vivência de fé que é um verdadeiro pisca-pisca, que funciona de acordo com a minha disponibilidade de vida? Quantas vezes sou levado por aquela expressão muito nossa: “ eu cá tenho a minha fé e Deus sabe como é minha vida…”

Hoje, Jesus quer que tu e eu nos questionemos: “Queres continuar comigo?” E “porque queres continuar a seguir-Me?”

Senhor, a minha vida sem Ti é muito pobre, não tem aquele gostinho suculento que só Tu dás; Tu fazes com que eu desfrute muito mais da vida!... Ajuda-me a deixar que Tu entranhes a minha vida; que eu não caía na tentação de ser tão eficiente que acabo por Te querer dar ordens, a opinar como deve ser isto e aquilo, porque, Senhor, eu sei e tenho experimentado na minha vida, que só Tu, só mesmo Tu, tens palavras de vida eterna.

(…) Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído». Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: «Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores.» Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar «setenta vezes sete» (Mt 18,22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante!

(Exortação Apostólica Evangelii Gaudim, Papa Francisco)

Não acrescentareis nada ao que vos ordeno

Dt 4,1-2.6-8
Sl 14 (15)
Tg 1, 17-18.21b-22.27
Mc 7,1-8.14-15.21-23

«Não acrescentareis nada ao que vos ordeno (…) mas guardareis os mandamentos do Senhor vosso Deus (…) eles serão a vossa sabedoria e a vossa prudência aos olhos dos povos (…).» (Dt 4,2.6)

«Perguntaram-Lhe os fariseus: "Porque não seguem os teus discípulos a tradição dos antigos e comem sem lavar as mãos?"» (Mc 7,5)

«Respondeu Jesus: "Vós deixais de lado o mandamento de Deus, para vos prenderdes à tradição dos homens"». (Mc 7,8)

«A religião pura e sem mancha, aos olhos de Deus, nosso Pai, consiste em visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e conservar-se limpo do contágio do mundo.» (Tg 1,27)

Como posso guardar, viver e dar testemunho da Palavra de Deus sem acrescentar os meus costumes, a minha tradição, a minha interpretação, o meu julgamento, a minha visão, os meus preconceitos?

Como posso manter-me próximo das fragilidades, minhas e dos outros (mentira, manipulação, egoísmo, egocentrismo, corrupção), e conservar o coração limpo do contágio?

Senhor diz-nos: "*Não acrescentareis nada ao que vos ordeno (…).*"

Os fariseus acrescentaram as tradições: "*Porque não seguem os Teus discípulos a tradição dos antigos e comem sem lavar as mãos?*"

E eu, o que acrescento?

Muitas vezes identifico-me com a atitude dos fariseus. Por medo ou vergonha, opto por ignorar ou não aprofundar ou não me deixar questionar, sobre o que sinto ou penso, e isso faz com que viva de forma mais superficial, menos comprometida. E vou-me tornando mais "hipócrita", construindo uma imagem de mim que não corresponde à realidade, vou achando que sou mais do que sou, que sou mais do que os outros.

Como posso guardar, viver e dar testemunho da Palavra de Deus sem acrescentar os meus costumes, a minha tradição, a minha interpretação, o meu julgamento, a minha visão, os meus preconceitos?

Como posso manter-me próximo das fragilidades, minhas e dos outros (mentira, manipulação, egoísmo, egocentrismo, corrupção), e conservar o coração limpo do contágio?

Estando atento ao que se passa no meu interior, sem fugir e sem ignorar o que sinto (revolta, incompreensão, desilusão), sempre em diálogo com o Senhor.

O Senhor conhece a nossa natureza e por isso nos diz: "*Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro. Mas o que sai do homem, isso é que o torna impuro.*" (Mc 7,14-15)

Quando não temos medo ou vergonha de dialogar com o Senhor sobre os nossos sentimentos e pensamentos, quando nos deixamos amar e acolher como somos, o nosso coração torna-se mais misericordioso, mais capaz de acolher a nossa fragilidade e a fragilidade dos outros.

Na Exortação Apostólica "A Alegria do Evangelho", o Papa Francisco diz-nos:

"*(...) a solução nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Isto é o que se verifica hoje quando os crentes procuram esconder-se e livrar-se dos outros, e quando subtilmente escapam de um lugar para outro ou de uma tarefa para outra, sem criar vínculos profundos e estáveis: «A imaginação e mudança de lugares enganou a muitos». É um remédio falso que faz adoecer o coração e, às vezes, o corpo. Faz falta ajudar a reconhecer que o único caminho é aprender a encontrar os demais com a atitude adequada, que é valorizá-los e aceitá-los como companheiros de estrada, sem resistências interiores. Melhor ainda, trata-se de aprender a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus crucificado, quando recebemos agressões injustas ou ingratidões, sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade. Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom.*

Precisamente nesta época, inclusive onde são um «pequenino rebanho» (Lc 12, 32), os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade!" (n.91 e n.92)

parte II Textos da Igreja

Introdução

O Verão corresponde, para a maioria das pessoas a um período de férias.

E se às férias associamos descanso, podemos – devemos! – associar atividades diferentes, mais tempo livre para fazer o que realmente nos dá gozo, para estar mais descontraidamente com aqueles de quem gostamos, connosco, com Deus.

O Verão é uma ocasião excelente para retemperar forças e para crescermos como pessoas, como casal, como família; porque há oportunidades que não surgem noutras alturas do ano e que não são de deixar perder, como fazer um retiro, por exemplo, ou proporcionar aos filhos um campo de férias.

Ao longo do Verão há festas litúrgicas e solenidades que se assinalam e que o Caderno de Oração acompanha. E há outras ocasiões celebrativas, a que damos destaque nesta segunda parte.

Publicamos, à semelhança o que temos vindo a fazer, algumas homilias e discursos do Papa Francisco e de outros Papas; desta vez, há uma parte do discurso da abertura do Sínodo dos Bispos, excertos da *Alegria do Evangelho*, homilias nas solenidades dos Apóstolos Pedro e Paulo e Assunção de Nossa Senhora, mensagens aos idosos, bem como aos migrantes e refugiados.

As férias do Papa são geralmente passadas em Castel Gandolfo. Mas, pelo menos, em alguns dias, o Papa mantém compromissos, recebe pessoas e grupos, etc. Num Verão de há muitos anos, no dia 8 de setembro de 1983, mil jovens, quase todos da diocese de Lisboa, dirigiram-se a Roma, em peregrinação. Era Ano Santo (o Jubileu da Redenção) e esses jovens foram agradecer a João Paulo II a visita que fizera a Portugal, um ano antes. Alguns dos leitores lembrar-se-ão disso, talvez tenham até integrado esse milhar de peregrinos: são "jovens" que têm hoje cerca de 50 anos... As palavras então ouvidas ecoam, tanto tempo depois, como se nos fossem ditas neste Verão de 2015, como se fosse uma mensagem para agora, tal a sua atualidade!

Destinámos, como havíamos prometido, uma parte ao Ano Santo da Misericórdia; é publicado um excerto da Bula de proclamação (*Misericordiae Vultus*) e o link para aceder à totalidade.

Anunciamos também a nova encíclica *Laudato si - sobre o cuidado da casa comum*, que trata de temas tão pertinentes como o ambiente e a ecologia.

Finalmente, destinámos uma secção a sugestões de leitura para este Verão.

Missa na Solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo
Homilia do Papa Francisco
Vaticano, 29 de junho de 2014

(...) Nos primeiros tempos do serviço de Pedro, na comunidade cristã de Jerusalém havia grande apreensão por causa das perseguições de Herodes contra alguns membros da Igreja. Ordenou a morte de Tiago e agora, para agradar ao povo, a prisão do próprio Pedro. Estava este guardado e acorrentado na prisão, quando ouve a voz do Anjo que lhe diz: «Ergue-te depressa! (...) Põe o cinto e calça as sandálias. (...) Cobre-te com a capa e segue-me» (Act 12, 7-8). Caiem-lhe as cadeias, e a porta da prisão abre-se sozinha. Pedro dá-se conta de que o Senhor o «arrancou das mãos de Herodes»; dá-se conta de que Deus o libertou do medo e das cadeias. Sim, o Senhor *liberta-nos de todo o medo e de todas as cadeias*, para podermos ser verdadeiramente livres.

Aqui está um problema que nos toca: o problema do medo e dos refúgios pastorais. Pergunto-me: *De que é que temos medo?* E, se o temos, *que refúgios procuramos*, na nossa vida pastoral, para nos pormos a seguro? (...) Onde pomos a nossa segurança? (...)

Pedro experimentou que a fidelidade de Deus é maior do que as nossas infidelidades, e mais forte do que as nossas negações. Dá-se conta de que a fidelidade do Senhor afasta os nossos medos e ultrapassa toda a imaginação humana.

Hoje, Jesus faz a mesma pergunta também a nós: «Tu amas-Me?». Fá-lo precisamente porque conhece os nossos medos e as nossas fadigas. E Pedro indica-nos o caminho: fiarmo-nos d'Ele, que «sabe tudo» de nós, confiando, não na nossa capacidade de Lhe ser fiel, mas na sua inabalável fidelidade. Jesus nunca nos abandona, porque não pode negar-Se a Si mesmo (cf. 2 Tm 2, 13). É fiel. A fidelidade que Deus, sem cessar, nos confirma também a nós, Pastores, independentemente dos nossos méritos, é a fonte de nossa confiança e da nossa paz. (...)

Missa na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora
Homilia do Papa Francisco
Coreia, 15 de agosto de 2014

Em união com toda a Igreja, celebramos a Assunção de Nossa Senhora, em corpo e alma, à glória do Paraíso. A Assunção de Maria mostra-nos o nosso destino como filhos adoptivos de Deus e membros do Corpo de Cristo: como Maria, nossa Mãe, somos chamados a participar plenamente na vitória do Senhor sobre o pecado e a morte e a reinar com Ele no seu Reino eterno. Esta é a nossa vocação. (...)

Ao celebrar esta festa, unimo-nos a toda a Igreja espalhada pelo mundo e olhamos para Maria como Mãe da nossa esperança. O seu cântico de louvor lembra-nos que Deus nunca esquece as suas promessas de misericórdia (cf. Lc 1,54-55). Maria é a cheia de graça, porque «acreditou no cumprimento daquilo que o Senhor lhe dissera» (Lc 1,45). N'Ela, todas as promessas divinas se demonstraram verdadeiras. Entronizada na glória, mostra-nos que a nossa esperança é real e que, já desde agora, esta esperança se estende, «como uma âncora segura e firme para as nossas vidas» (Heb 6,19), até onde Cristo está sentado na glória. (...)

Dirijamo-nos a Maria, Mãe de Deus, e imploremos a graça de viver alegres na liberdade dos filhos de Deus, usar sabiamente esta liberdade para servirmos os nossos irmãos e irmãs, e viver e actuar de tal modo que sejamos sinais de esperança, aquela esperança que encontrará a sua realização no Reino eterno, onde reinar é servir. Amen.

Missa com os Idosos
Homilia do Papa Francisco
Praça de São Pedro
28 de Setembro de 2014

(...) O Senhor formou uma nova família, na qual sobre os laços de sangue prevalece a relação com Ele, o cumprimento da vontade de Deus Pai. Contudo, o amor a Jesus e ao Pai leva à realização do amor pelos pais, pelos irmãos, pelos avós, renovando assim os relacionamentos familiares com a linfa do Evangelho e do Espírito Santo. (...).

Podemos pensar que, permanecendo na casa de Isabel, a Virgem Maria terá ouvido a sua parente e o marido Zacarias rezar com as palavras do Salmo responsorial de hoje: «Sois Vós, ó meu Deus, a minha esperança. Senhor, desde a juventude Vós sois a minha confiança... Na minha velhice não me rejeiteis, ao declinar das minhas forças não me abandoneis... Quando vier a velhice e até os cabelos brancos, ó Deus, não me abandoneis, a fim de que eu anuncie à geração presente a força do vosso braço e o vosso poder à geração vindoura» (Sl 71 [70], 5.9.18). A jovem Maria ouvia e meditava tudo no seu coração. A sabedoria de Isabel e Zacarias enriqueceu a sua jovem alma; não eram peritos em maternidade e paternidade, porque também para eles era a primeira gravidez, mas eram peritos na fé, peritos em Deus, peritos naquela esperança que vem dele: é disto que o mundo tem necessidade, em todos os tempos. Maria soube ouvir aqueles pais idosos e cheios de enlevo, valorizando a sua sabedoria, que foi preciosa para ela, no seu caminho de mulher, de esposa e de mãe.

Mensagem do Papa Francisco
Dia Mundial do Migrante e do Refugiado
"Igreja sem fronteiras, mãe de todos"

Queridos irmãos e irmãs!

Jesus é «o evangelizador por excelência e o Evangelho em pessoa» (Exort. ap. *Evangelii Gaudium*, 209). A sua solicitude, especialmente pelos mais vulneráveis e marginalizados, a todos convida a cuidar das pessoas mais frágeis e reconhecer o seu rosto de sofrimento sobretudo nas vítimas das novas formas de pobreza e escravidão. Diz o Senhor: «Tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber, era peregrino e recolhestes-Me, estava nu e destes-Me que vestir, adoeci e visitastes-Me, estive na prisão e fostes ter comigo» (Mt 25, 35-36). Por isso, a Igreja, peregrina sobre a terra e mãe de todos, tem por missão amar Jesus Cristo, adorá-Lo e amá-Lo, particularmente nos mais pobres e abandonados; e entre eles contam-se, sem dúvida, os migrantes e os refugiados (...).

Com efeito, a Igreja estende os seus braços para acolher todos os povos, sem distinção nem fronteiras, e para anunciar a todos que «Deus é amor» (1 Jo 4, 8.16) (...)

Nos nossos dias, tudo isto assume um significado particular. Com efeito, numa época de tão vastas migrações, um grande número de pessoas deixa os locais de origem para empreender a arriscada viagem da esperança com uma bagagem cheia de desejos e medos, à procura de condições de vida mais humanas. Não raro, porém, estes movimentos migratórios suscitam desconfiança e hostilidade, inclusive nas comunidades eclesiais, mesmo antes de se conhecer as histórias de vida, de perseguição ou de miséria das pessoas

envolvidas. Neste caso, as suspeitas e preconceitos estão em contraste com o mandamento bíblico de acolher, com respeito e solidariedade, o estrangeiro necessitado. (...)

À globalização do fenómeno migratório é preciso responder com a globalização da caridade e da cooperação, a fim de se humanizar as condições dos migrantes. Ao mesmo tempo, é preciso intensificar os esforços para criar as condições aptas a garantirem uma progressiva diminuição das razões que impelem populações inteiras a deixar a sua terra natal devido a guerras e carestias, sucedendo muitas vezes que uma é causa da outra.

À solidariedade para com os migrantes e os refugiados há que unir a coragem e a criatividade necessárias para desenvolver, a nível mundial, uma ordem económico-financeira mais justa e equitativa, juntamente com um maior empenho a favor da paz, condição indispensável de todo o verdadeiro progresso.

Papa Francisco ao Sínodo dos Bispos

"Posso tranquilamente afirmar que — com um espírito de colegialidade e de *sinodalidade* — vivemos verdadeiramente uma experiência de «Sínodo», um percurso solidário, um «*caminho conjunto*». E, como acontece em todo o caminho —dado que se tratou de um «caminho» —, houve momentos de corrida apressada, como se se quisesse vencer o tempo e chegar quanto antes à meta; momentos de cansaço, como se se quisesse dizer basta; e outros momentos de entusiasmo e ardor. Houve momentos de profunda consolação, ouvindo o testemunho de autênticos pastores (cf. Jo 10 e cânn. 375, 386 e 387), que trazem sabiamente no coração as alegrias e as lágrimas dos seus fiéis. Momentos de consolação, graça e conforto, ouvindo os testemunhos das famílias que participaram no Sínodo e compartilharam connosco a beleza e a alegria da sua vida matrimonial. Um caminho onde o mais forte se sentiu no dever de ajudar o menos forte, onde o mais perito se prestou para servir os demais, inclusive através de confrontos. Mas, tratando-se de um caminho de homens, juntamente com as consolações houve também momentos de desolação, de tensão e de tentações, das quais poderíamos mencionar algumas possibilidades:

— uma: a tentação do *endurecimento hostil*, ou seja, o desejo de se fechar dentro daquilo que está escrito (a letra) sem se deixar surpreender por Deus, pelo Deus das surpresas (*o espírito*); dentro da lei, dentro da certeza daquilo que já conhecemos, e não do que ainda devemos aprender e alcançar. Desde a época de Jesus, é a tentação dos zelantes, dos escrupulosos, dos cautelosos e dos chamados — hoje — «*tradicionalistas*», e também dos intelectualistas.

— A tentação da *bonacheirice destrutiva*, que em nome de uma misericórdia enganadora liga as feridas sem antes as curar e medicar; que trata os sintomas e não as causas nem as raízes. É a tentação dos «bonacheiristas», dos temerosos e também dos chamados «*progressistas e liberalistas*».

— A tentação de transformar *a pedra em pão* para interromper um jejum prolongado, pesado e doloroso (cf. Lc 4,1-4) e também de transformar *o pão em pedra* e lançá-la contra os pecadores, os frágeis e os doentes (cf. Jo 8,7), ou seja, de o transformar em «fardos insuportáveis» (Lc 10,27).

— A tentação de descer da cruz, para contentar as massas, e não permanecer nela, para cumprir a vontade do Pai; de ceder ao espírito mundano, em vez de o purificar e de o sujeitar ao Espírito de Deus.

— A tentação de descuidar o «*depositum fidei*», considerando-se não guardiões mas proprietários e senhores ou, por outro lado, a tentação de descuidar a realidade, recorrendo a uma terminologia minuciosa e uma linguagem burilada, para falar de muitas coisas sem nada dizer! Acho que a isto se chamava «bizantinismos»...

Caros irmãos e irmãs, as tentações não nos devem assustar nem desconcertar e menos ainda desanimar, porque nenhum discípulo é maior que o seu mestre; portanto, se o próprio Jesus foi tentado — e até chamado Belzebu (cf. Mt 12,24) — os seus discípulos não devem esperar um tratamento melhor.

Pessoalmente, ficaria muito preocupado e triste, se não tivesse havido estas tentações e estes debates animados – este movimento dos espíritos, como lhe chamava Santo Inácio (cf. EE, 6) –, se todos tivessem estado de acordo ou ficassem taciturnos numa paz falsa e quietista. Ao contrário,

vi e ouvi — com alegria e reconhecimento — discursos e intervenções cheios de fé, de zelo pastoral e doutrinal, de sabedoria, de desassombro, de coragem e de *parresia*. E senti que, diante dos próprios olhos, se tinha o bem da Igreja, das famílias e a «*suprema lex*», a «*salus animarum*» (cf. cân. 1752). E isto — já o dissemos aqui na Sala — sem nunca se pôr em discussão as verdades fundamentais do sacramento do Matrimónio: a indissolubilidade, a unidade, a fidelidade e a procriação, ou seja, a abertura à vida (cf. cânn. 1055 e 1056; Gaudium et Spes, 48).

E esta é a Igreja, a vinha do Senhor, a Mãe fecunda e a Mestra solícita, que não tem medo de arregaçar as mangas para derramar o azeite e o vinho sobre as feridas dos homens (cf. Lc 10,25-37); que não observa a humanidade a partir de um castelo de vidro para julgar ou classificar as pessoas. Esta é a Igreja Una, Santa, Católica, Apostólica e formada por pecadores, necessitados da sua misericórdia. Esta é a Igreja, a verdadeira Esposa de Cristo, que procura ser fiel ao seu Esposo e à sua doutrina. É a Igreja que não tem medo de comer e beber com as prostitutas e os publicanos (cf. Lc 15). A Igreja que tem as suas portas escancaradas para receber os necessitados, os arrependidos, e não apenas os justos ou aqueles que se julgam perfeitos! A Igreja que não se envergonha do irmão caído nem finge que não o vê, antes pelo contrário sente-se comprometida e quase obrigada a levantá-lo e a encorajá-lo a retomar o caminho, acompanhando-o rumo ao encontro definitivo, com o seu Esposo, na Jerusalém celeste.”

“O mandato missionário do Senhor inclui o apelo ao crescimento da fé, quando diz: «ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (Mt 28, 20). Daqui se vê claramente que o primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento. A evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projecto que Deus tem para ela. Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco, mas possa dizer com plena verdade: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gal 2,20).

Não seria correcto que este apelo ao crescimento fosse interpretado, exclusiva ou prioritariamente, como formação doutrinal. Trata-se de «cumprir» aquilo que o Senhor nos indicou como resposta ao seu amor, sobressaindo, junto com todas as virtudes, aquele mandamento novo que é o primeiro, o maior, o que melhor nos identifica como discípulos: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15,12). É evidente que, quando os autores do Novo Testamento querem reduzir a mensagem moral cristã a uma última síntese, ao mais essencial, apresentam-nos a exigência irrenunciável do amor ao próximo: «Quem ama o próximo cumpre plenamente a lei. (…) É no amor que está o pleno cumprimento da lei» (Rm 13,8.10). De igual modo, para São Paulo, o mandamento do amor não só resume a lei mas constitui o centro e a razão de ser da mesma: «Toda a lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo» (Gal 5,14). E, às suas comunidades, apresenta a vida cristã como um caminho de crescimento no amor: «O Senhor vos faça crescer e superabundar de caridade uns para com os outros e para com todos» (1 Ts 3,12). Também São Tiago exorta os cristãos a cumprir «a lei do Reino, de acordo com a Escritura: Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (2, 8), acabando por não citar nenhum preceito.

Entretanto, este caminho de resposta e crescimento aparece sempre precedido pelo dom, porque o antecede aquele outro pedido do Senhor: «baptizando-os em nome...» (Mt 28,19). A adopção como filhos que o Pai oferece gratuitamente e a iniciativa do dom da sua graça (cf. Ef 2,8-9; 1 Cor 4,7) são a condição que torna possível esta santificação constante, que agrada a Deus e Lhe dá glória. É deixar-se transformar em Cristo, vivendo progressivamente «de acordo com o Espírito» (Rm 8,5).”

Discurso do Papa João Paulo II Audiência Particular a um Grupo de Jovens Portugueses

Castel Gandolfo, 8 de Setembro de 1983

Amados irmãos e queridos jovens, rapazes e raparigas, meus amigos.

Acabastes de cantar: "possível a Esperança!". Olhando para vos, permiti-me o trocadilho: a esperança é real. A esperança sois vós! Muito obrigado pela visita e pela alegria que quisestes dar ao Papa, que quase "matou saudades" de Portugal e da sua briosa juventude. (...) Sede bem-vindos, queridos jovens do Patriarcado de Lisboa e de Portugal.

Teria muitas coisas no coração para vos dizer; mas tenho que me limitar só a algumas, que me são ditadas pelo amor em Cristo com que desejo corresponder à vossa entusiástica amizade.

Certo dia um jovem como vós foi ter com o Senhor e expôs o próprio sonho de ideal. E conheceis a resposta interpeladora: se és coerente com os teus compromissos religiosos estás no bom caminho. E o rapaz pôde responder: "Sim, Senhor, tudo tenho cumprido". Então Jesus "fitou-o com amor" e fez-lhe a proposta: se queres "ser mais", liberta o coração, "arranjando um tesouro no Céu". Depois, vem e arrisca (Cfr. Mc 10,17 ss).

Neste momento quisera, olhos nos olhos e coração a coração, ter com cada um de vós uma conversa análoga, sobre a coerência cristã, a liberdade de coração - a liberdade de filhos de Deus - e a decisão para arriscar. O ponto de referência seria a Cruz, marcada com o sangue redentor de Cristo ressuscitado, fundamento da nossa fé e desafio ao nosso amor. Estou certo de que chegaríamos à conclusão: "o Amor é possível". Mais: o Amor é real; tem na história do homem um nome e uma forma: chama-se Jesus Cristo.

Vindes de Lisboa, de Portugal: “vejo” nas vossas mãos um “facho” resplandecente, recebido dos vossos antepassados. Nesta época de mutações profundas, quase um sismo na história escrita pelos vossos maiores, sois vós que, recolhendo os valores do passado, tereis de continuar a marcha: a edificação da sociedade de amanhã. A esperança é real: a esperança de Portugal, do Papa, da Igreja e do seu Fundador, Jesus Cristo, sois vós! E como vamos fazer? É a pergunta fundamental que viestes aqui formular, sedentos de ideal e cheios de boa vontade.

A resposta é sempre a de Cristo, o grande Vivente, o eternamente Jovem, o Ressuscitado (...).

Não tenhais medo! Para enfrentar de maneira realista e confiadamente o desafio que vos é feito a participar de modo activo, como cristãos, na vida em sociedade, tendes sempre a “força” do Espírito Santo. “O Amor é possível!”. (...)

Com a renovada certeza do afecto do Sucessor de Pedro e a sua bênção, extensiva às vossas famílias e a todos os jovens de Portugal, vamos concluir este encontro. Muito unidos em Cristo e procurando revestir-nos dos méritos da Redenção, cônscios da perenidade da palavra “sem mim nada podeis fazer”, vamos rezar como Ele ensinou: Pai Nosso.

E há Alguém que não podemos esquecer, hoje, dia dos Seus anos: a Mãe, Nossa Senhora. Convosco, em pensamento, volto a Fátima; e ao seu Coração virginal e materno, ao Coração Imaculado de Maria, que sob uma especial acção do Espírito Santo acompanhou toda a obra redentora e continua a palpitar de amor para com todos aqueles que o seu Filho abraçou e abraça continuamente, com amor inexaurível, vamos confiar os nossos propósitos e a nossa prece pelos jovens do mundo inteiro, rezando como filhos: Ave Maria...

Ano Santo da Misericórdia

Como mencionámos na edição do Caderno de Oração da Páscoa – naquele momento, mesmo em cima da notícia – será celebrado um Ano Santo, que se estenderá entre as solenidades da Imaculada Conceição e a de Jesus Cristo, Rei do Universo (08.12.2015-20.11.2016).

O Papa Francisco chamou-lhe Jubileu Extraordinário da Misericórdia e fez publicar, entretanto, a Bula da sua proclamação, Misericordiae Vultus (O rosto da Misericórdia): "Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai", assim se inicia o texto.

Na ocasião, prometemos que, em próximos Cadernos desenvolveríamos, com maior detalhe, alguns aspetos sobre o Ano Santo, que nos possam ajudar a vivê-lo mais intensamente; iremos fazê-lo, ao longo do ano. Para já, deixamos o link que remete para o belíssimo texto da Bula, na íntegra: é teológico, catequético e pastoral, profundo e simples, como o Papa Francisco nos vem habituando; é um documento longo, de que iremos dar-vos a conhecer alguns excertos, mas que vale a pena ler na totalidade.

PAPA FRANCISCO
Misericordiae Vultus
BULA DE PROCLAMAÇÃO DO JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. A misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, «rico em misericórdia» (Ef 2,4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como «Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade» (Ex34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a Sua natureza divina. Na «plenitude do tempo» (Gl 4,4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14,9). Com a Sua palavra, os Seus gestos e toda a Sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus. Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade.

Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro.

Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida.

Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais

intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Por isso proclamei um *Jubileu Extraordinário da Misericórdia* como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes. (...)

Deus permanecerá para sempre na história da Humanidade como Aquele que está presente, Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso.

«Paciente e misericordioso» é o binómio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus. O facto de Ele ser misericordioso encontra um reflexo concreto em muitas acções da História da Salvação, onde a Sua bondade prevalece sobre o castigo e a destruição. Os Salmos, em particular, fazem sobressair esta grandeza do agir divino: «Ele perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. É Ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e ternura» (103/102,3-4). Outro Salmo atesta, de forma ainda mais explícita, os sinais concretos da misericórdia: «O Senhor liberta os prisioneiros. O Senhor dá vista aos cegos, o Senhor levanta os abatidos, o Senhor ama o homem justo. O Senhor protege os que vivem em terra estranha e ampara o órfão e a viúva» (146/145,7-9); (...) cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas. (...) O Senhor ampara os humildes, mas abate os malfeitores até ao chão» (147/146,3.6). Em suma, a misericórdia de Deus não é uma ideia abstracta mas uma realidade concreta, pela qual Ele revela o Seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo filho até ao mais íntimo das suas vísceras. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor «visceral». Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão. (...)

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus

Última hora!
Laudato si - nova encíclica do Papa Francisco

Parece que o Papa Francisco nos surpreende em cada fecho do Caderno: no passado número, a proclamação do Ano Santo da Misericórdia, agora uma nova encíclica!

Em junho de 2013, poucos meses após o início do pontificado, o Papa deu a conhecer *Lumen fidei* (A luz da fé), a sua primeira encíclica. No mesmo ano, surge a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A alegria do Evangelho), que tanto nos tem alimentado a reflexão e a oração.

Sobre o novo texto temos, por enquanto, pouca informação: sabemos que tem como título Laudato si e será "sobre o cuidado da casa comum", isto é, sobre o tema do ambiente.

A expressão *Laudato si* (louvado seja), remete para o "Cântico das Criaturas", de São Francisco de Assis, que inspirou o Papa na escolha do seu nome.

O texto da encíclica aborda questões como a desigualdade de acesso e distribuição dos recursos, a sobrexploração da natureza, a fome e o desperdício de alimentos, o aquecimento global, a desflorestação e na poluição, ...

Antes mesmo de divulgar o texto, a Papa convida-nos a rezar: "rezemos para que todos possam crescer na responsabilidade para com a casa comum que Deus nos confiou".

Curiosamente, já na missa com que iniciou o ministério papal (19.março.2013) o Papa vincara que "a vocação de guardião não diz respeito apenas a nós, cristãos, mas tem uma dimensão antecedente, que é simplesmente humana e diz respeito a todos: é a de guardar a criação inteira, a beleza da criação, (...) é ter respeito por toda a criatura de Deus e pelo ambiente onde vivemos. (...) Guardemos com amor aquilo que Deus nos deu!".

Leituras de Verão

O Verão é uma época que associamos a férias e ao descanso, um período que reservamos para aquilo que mais gostamos de fazer: viajar, passear, desfrutar da Natureza, estar com os amigos, dedicar mais tempo à família, visitar quem não vemos com frequência, descansar...
Geralmente, deixamos para o Verão os livros que, por várias razões, não conseguimos ler ao longo do ano. Por isso, o Verão convida também à leitura, sobretudo à leitura que nos ajuda a descansar.
Muitos têm já, certamente, alguns livros escolhidos para este Verão. Ainda assim, deixamo-vos algumas sugestões. São obras talvez menos conhecidas, um pouco à margem dos circuitos comerciais, das montras e dos escaparates; livros que descontraem, mas ajudam a meditar, que descansam a mente, mas alimentam o espírito.
Propomos de alguns autores duas obras, de outros uma e procurámos estabelecer algumas ligaçoes entre eles; apresentamos indicações retiradas das contracapas ou de sites de editoras.
Bom Verão, bom descanso, boas leituras!

José Tolentino de Mendonça, *A Mística do Instante*
Os sentidos do nosso corpo abrem-nos à presença de Deus no instante do mundo. Eles são grandes entradas e saídas da nossa humanidade e da nossa fé. A mística do instante reenvia-nos para o interior de uma existência autêntica, ensinando-nos a ser realmente presentes: a ver, a ouvir, a tocar, a saborear, a inebriar-nos com o perfume sempre novo do instante.

José Tolentino de Mendonça, *Nenhum caminho será longo*
De sua natureza, a amizade é um sentimento forte e intenso, sem deixar de ser uma experiência discreta, sempre singular no seu registo, quase quotidiana, na sua expressão. (...) ela constitui um património humano sem o qual a nossa vida não seria a mesma ou simplesmente não seria. Falamos muito do amor e pouco da amizade. Este livro [é um] elogio àquilo que os amigos são.

Pablo d'Ors, *A Biografia do Silêncio*
Pablo d'Ors não nos apresenta uma teoria, mas sim a sua experiência pessoal com os espaços de silêncio, propícios a um encontro consigo mesmo. Num mundo tão acelerado e ruidoso essa escolha pode parecer um dispêndio inútil.. Mas há "tempos inúteis" que são portas abertas para o desfrute gratuito, para o mergulho nas profundezas, para a reaprendizagem da arte de existir.

Rosa Amanda Strausz, *Teresa, A Santa Apaixonada*
Nasceu na Espanha, no sec. XVI. Era rica, jovem e bela. Quando o pai decidiu interná-la num convento, não poderia imaginar o destino da filha! Teresa D'Ávila (...) acabou por ter dificuldades ao longo da sua vida monástica. (...) condenada por todos, persistiu. Recolheu-se à oração, escreveu um livro, reformulou a Ordem das Carmelitas... Este livro conta-nos a história dessa travessia, de como Teresa d'Ávila se transformou em Teresa de Jesus, Doutora da Igreja.

Filipe d'Avillez, *Que Fazes aí Fechada?*
Ao longo de oito entrevistas, ficamos a conhecer a vocação das religiosas contemplativas do século XXI. Perguntas,

simples, directas e sem medo, são respondidas com igual simplicidade, rectidão e abertura. Este título traz-nos a realidade actual da vida consagrada, sem preconceitos e pela voz de quem decidiu mudar radicalmente de vida.

Anselmo Grün, *Jesus*
Belas ilustrações e textos cativantes que nos falam de Jesus, da Sua vida (nascimento, percurso, morte e ressurreição), da Sua obra (milagres e curas) e dos Seus ensinamentos (pregação e parábolas), a pretexto de resposta a perguntas correntes das crianças e dos jovens.

Anselmo Grün, *Desafio Espiritual da Meia Idade*
Vemos pessoas que viveram com gosto, durante muito tempo, mas que, ao aproximarem-se dos quarenta ou cinquenta anos, abandonaram os seus compromissos. Este facto, que continua a surpreender-nos, é aqui estudado, convidando os leitores a uma autoanálise.

Pedro Miguel Lamet, *As Palavras Caladas*
Escrito na primeira pessoa, à maneira de um diário, permite-nos penetrar na intimidade de Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus. (...) A sua fé e a sua fragilidade, a sua simplicidade e a sua dor, o seu mistério e a sua proximidade quotidiana vão-se-nos tornando cada vez mais familiares; (...) não é mais uma biografia da mãe de Jesus, é um poema escrito com delicadeza e ternura.

Pedro Miguel Lamet, *As Palavras Vivas*
Quais as memórias de João, o discípulo predilecto de Jesus? O que observou, viveu e sentiu nessa convivência excepcional com o Mestre? A estas perguntas tenta

responder o autor, conhecido jesuíta espanhol, neste livro emotivo e belo, a meio caminho entre a reconstrução literária e uma obra de espiritualidade.

Vasco Pinto de Magalhães, *Só Avança Quem Descansa*
Descansar não deveria ser uma opção vital? Viemos a este mundo para trabalhar ou para descansar? (...) É verdade que Jesus disse que nos prometia o descanso eterno. Então é melhor (e necessário) começar já, não só a preparar como a treinar para esse tempo de descanso!...

Vasco Pinto de Magalhães, *Se Deus é Bom, Porque Sofremos?*
Por que razão sofremos? Como acreditar que Deus existe e observar que, aparentemente, Ele permite tanta maldade e dor? Por outro lado, qual a nossa resposta ao sofrimento? Que estratégias para o integrar e superar? Um conjunto de questões com que nos debatemos e a que responde este livro, apontando sinais e perspectivas de esperança.

Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho*
Diz o Papa, "Quero dirigir-me aos cristãos para os convidar a uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos. (…) Espero que todas as comunidades se esforcem por ativar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão".

Também disponível em
http://www.agencia.ecclesia.pt/dlds/bo/EVANGELIIGAUDIUMPapaFrancisco2013CEP.pdf

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Junho

23 a 25		Retiro On-line – Verão
26	*Casa da Palavra*	Reunião Núcleo NFVD – 21h a 23h
27	*Vale de Lobos*	Conselho FaMVD – 10h a 16h
27	*Vale de Lobos*	Missa da Comunidade – 17h

Julho

24 a 26	*Vale de Lobos*	Retiro de Silêncio de fim de semana para jovens
24 a 30	*Vale de Lobos*	Retiro de Silêncio de semana para jovenss

Agosto

1 a 8	*Vale de Lobos*	Retiro de Silêncio
5 a 9	*Ávila*	Encontro Europeu de Jovens
22 a 29	*Vale de Lobos*	Retiro de Silêncio com Colónia

Setembro

2 a 6	*Vale de Lobos*	Campo de Trabalho
4 a 11	*Campo Maior*	Retiro de Silêncio
25 a 27	*Vale de Lobos*	Retiro de Silêncio

Mais informações e inscrições em lisboa.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.

Centro de Evangelização Vale de Lobos
Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo
GPS N 38º 49' 15''; W 9º 17' 25''
Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra
Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa
Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei
lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com